

O PAPEL DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA NA COMISSÃO CENTRAL DA SECA DA UFC

MARIA ISOLDA C. B. BEZERRA DE MENEZES

Esta comunicação foi apresentada no I Encontro Estadual de Psicologia realizado em João Pessoa no período de 15 a 17.06.84. Relata uma experiência realizada na Universidade Federal do Ceará e coloca algumas "questões" que poderiam contribuir para se pensar uma Psicologia voltada para os interesses do Nordeste.

Ao refletir sobre que tipo de comunicação faria para participar dessa mesa, me vi diante de duas alternativas: ou elaborar uma reflexão teórica sobre o assunto "Psicologia e o Nordeste" ou fazer o relato de uma experiência que estamos vivendo na Universidade Federal do Ceará, e dentro dela o Departamento de Psicologia, sobre a atuação da Universidade Federal do Ceará diante da seca.

Minha opção foi dar prioridade a apresentação da experiência, primeiro porque acho que existem muitos diagnósticos, planos, pesquisas, projetos e a discussão, a nível teórico, pelo menos, entre nós, em Fortaleza, já avançou bastante. Segundo, porque considero que nossa atitude, no momento histórico que estamos vivendo, deve ser de unir esforços e experiências e não quero perder esta oportunidade de trocar idéias com os especialistas aqui presentes.

A preferência por este tipo de abordagem é também fruto de uma reflexão permanente que venho fazendo diante do que tenho lido, documentado e debatido em Seminários, dentro e fora do Estado, sobre o Nordeste de 1983 para cá.

Diante da tragicidade e da situação de emergência contínua em que estamos vivendo, cada um de nós está sendo convocado a tomar uma atitude; impossível permanecermos indiferentes ao "genocídio" que estamos presenciando.

Somos profissionais que lidamos diretamente com o homem, e esse homem perdeu sua maior riqueza: a dignidade. Um homem que vive numa atitude permanente de indignância, que mata os filhos para não ouvir o gemido da fome, que abandona sua terra para ser escravo dentro de seu próprio país, precisa ser objeto de estudo de uma Psicologia que possibilite o resgate de sua dignidade e lhe faça exigir o respeito por seu direito como cidadão.

Trabalhamos dentro de uma Universidade; reconhecemos a distância existente entre essa Universidade e o povo que a financia. A nossa grande discussão era saber se acreditávamos ou não na possibilidade de uma ação a partir da Universidade.

Apesar do ceticismo que atualmente caracteriza o trabalho do professor universitário, do conhecimento das limitações de uma instituição acadêmica e de pouco interesse dos professores pelo assunto Seca/Nordeste, o "drama social" que presenciamos foi suficiente para abalar a apatia em que vivemos mergulhados.

Por ocasião das enchentes do sul, os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, começaram a divulgar os efeitos de uma seca que já estava em seu quinto ano, sendo de todos os Estados, o Ceará, o mais castigado. O impacto, causado pela televisão, aliado a constatação da realidade, acelerou o processo de interesse da Universidade pela vida dos nordestinos.

A iniciativa partiu dos alunos do Mestrado de Sociologia do Desenvolvimento que começaram a se questionar sobre qual o papel de um mestrado num Estado com semelhante crise social. Foi organizada "uma comissão central" interdisciplinar, para dirigir o trabalho.

Sabíamos que a Universidade não tem poder de decisão, mas também não desconhecíamos a força de pressão que ela poderia exercer, na medida em que levássemos para o seu interior o debate sobre as verdadeiras causas da problemática do Nordeste.

Foi feita uma nota de mobilização convocando todos os diretores de centros, chefes de departamento e professores e alunos para discutirem a questão. Resolvemos iniciar o trabalho com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão. Visitamos os diversos Departamentos para tentar sensibilizá-los, mas a resposta não foi a que esperávamos.

O trabalho foi realizado em dois níveis:

No nível emergencial conseguimos uma colaboração em dinheiro, descontada em folhas de pagamento dos professores. A Fundação Cearense de Pesquisa recebia o dinheiro e repassava para a Cruz Vermelha comprar gêneros alimentícios.

No outro nível, começamos a fazer um levantamento dos estudos e pesquisas da Universidade para verificarmos a relação dessa produção com a realidade social. Percebemos que a produção científica existente sobre o Nordeste e a nossa literatura, não são suficientemente estudadas.

Existem pesquisadores estrangeiros que conhecem muito mais a nossa realidade. O financiamento para pesquisadores nordestinos é sempre muito

difícil de se conseguir. Não temos no nosso Currículo, na área de Humanidades, nenhuma disciplina que estude diretamente o Nordeste, com exceção do Mestrado de Sociologia.

Após um trabalho junto aos diversos Centros e Departamentos conseguimos realizar dois seminários: um organizado pelos professores e outro pelos alunos. No primeiro contamos com a presença de professores que possuíam pesquisas sobre o assunto, técnicos do Estado, e um representante dos bairros e favelas. A iniciativa do segundo seminário partiu da organização de uma pequena pesquisa, dentro da disciplina de Psicologia Social, sobre a atuação da Universidade Federal do Ceará diante da seca. Uma das conclusões dessa pesquisa é que há um desconhecimento das verdadeiras causas da problemática nordestina, ao mesmo tempo os profissionais (técnicos em geral) apresentaram sugestões e alternativas que poderiam ser aproveitadas. Nesse Seminário os alunos expuseram as conclusões e debateram com técnicos do DNOCS e um representante de uma Comunidade a situação real em que vive o homem do campo.

Durante esse período o Professor visitante alemão Dieter Bruhl^(*) com um trabalho de sensibilização junto às Universidades alemãs, conseguia um bom financiamento para "pequenos projetos" que estão sendo realizados em algumas comunidades do interior cearense e supervisionados pela Comissão Central da Seca da UFC.

A Pró-Reitoria de Extensão possui dois programas fundamentais: um de ação cultural e outro de ação comunitária; através desses programas o debate que começou a ser feito pela *Rádio Universitária*, *Jornal Universitário* e *Encontros Culturais*.

Temos atualmente uma programação na Rádio Universitária voltada para os interesses nordestinos numa tentativa de resgatar a nossa identidade. Diariamente no programa *Opinião*, especialistas das diversas áreas científicas do Ceará e de outros Estados discutem questões relevantes, assim como apresentam alternativas para o momento que estamos vivendo.

Outro programa semanal *Ciclo de Debate* reúne em mesa redonda profissionais em torno de um tema sobre o Nordeste que é visto nas mais variadas perspectivas, predominantemente econômica e sociológica.

A falta de informação dentro da Universidade sobre as realizações dos diversos departamentos impossibilita a troca de experiências.

O Jornal Universitário vem tentando suprir, não só essa deficiência como servir de veículo de informação sobre o trabalho dos pesquisadores.

Os *Encontros Culturais* constituem uma oportunidade em que administradores, professores e alunos discutem com especialistas e alguns debatedores assuntos que enriquecem a nossa compreensão sobre a situação do Nordeste num contexto nacional. Tivemos a presença de Celso Furtado, Jarbas Vasconcelos,

(*) BRUHL, Dieter, Professor visitante do Mestrado de Sociologia do Desenvolvimento, Departamento de Ciências Sociais — Fortaleza — Ceará.

Marcos Freire, Paulo Lustosa e outros que através de suas análises e denúncias ofereceram-nos subsídios para verificarmos melhor o pouco interesse dos nossos parlamentares pela situação do Nordeste e a nossa falta de participação política.

Um outro nível do trabalho está sendo feito através do NEDIM (Núcleo de Estudo, Documentação e Informação sobre a Mulher) que objetiva organizar a documentação e realizar seminários para debater os problemas relacionados com a condição feminina. Estamos tentando nos voltar agora para a situação da mulher trabalhadora.

Diante desse acúmulo de informações temos algumas conclusões tanto a nível teórico quanto prático.

a) Dentro do processo de desenvolvimento do sistema capitalista fomos marginalizados e até hoje desconsiderados pelo poder central apesar de toda a contribuição que damos através da riqueza existente no solo da nossa região.

b) Esvaziaram e retiraram o poder e prestígio de instituições que deveriam pensar nas soluções mais permanentes, SUDENE, BANCO DO NORDESTE e DNOCS. Reduziram-nos a indigentes que vivem de programas emergenciais e bolsões da SECA.

c) Sabemos que o problema fundamental do Nordeste não é climático; o Nordeste possui recursos hídricos suficientes para a irrigação e desenvolvimento das culturas tradicionais da região.

d) Concluimos que o eixo da nossa questão é falta de "poder político" porque os políticos que nos representam não defendem nossos direitos e a questão regional só será resolvida dependendo da questão nacional.

e) Diante disso consideramos de fundamental importância que haja troca de informações e experiências entre as Universidades do Nordeste para que possamos através do conhecimento e debate exercer algum tipo de força de pressão e a intervenção que julgarmos possível.

Agora vamos verificar a participação da PSICOLOGIA dentro desse processo e algumas reflexões pessoais sobre a Psicologia do Nordeste.

Os Psicólogos nordestinos precisam repensar teórica e praticamente a nossa Psicologia. Acho que já existem algumas iniciativas, mas por falta de um trabalho diretamente ligado à população carente e da ausência de um instrumental teórico metodológico adequado, os psicólogos geralmente se perdem e reduzem seus trabalhos a considerações teóricas sobre a problemática mais geral do Nordeste, e não tem apresentado propostas para a construção de uma Psicologia voltada para os nossos interesses.

Considero que o debate e as experiências realizadas em João Pessoa são bastante significativas, mas como há sempre especificidades e crédito na troca de experiências vou colocar algumas reflexões e aspectos do nosso trabalho que poderão de alguma maneira enriquecer o debate.

A Psicologia do Nordeste precisa ser analisada dentro de um contexto mais amplo, sócio-econômico. Alguns pressupostos poderiam nortear a construção de uma Psicologia menos elitista e reforçadora do sistema social que aí está. Preci-

samos discutir a construção de uma Psicologia que contribua para amenizar o sofrimento do Homem Nordestino e colabore no seu processo de libertação.

A função social do Psicólogo é uma discussão bastante polêmica; diante dela os profissionais se dividem: uns acreditam que a área de Psicologia está restrita aos aspectos psicológicos do comportamento humano, outros radicalizam, considerando que só o social interessa. Enquanto esse consenso não se estabelece ou essa questão não é melhor definida, não avançamos na construção dessa Psicologia que diz respeito à nossa realidade.

Acho que é nos limites que se estabelece na relação Indivíduo/Sociedade que estão as grandes dificuldades e é o que ocasiona a distância entre a Sociologia e a Psicologia, disciplinas fundamentais na interpretação da conduta humana.

Consideramos que o Homem é um ser social, em grande parte determinado pelos fatores sócio-econômicos. Nasce dentro de uma instituição a Família, responsável pela transmissão de uma cultura, integrante de uma sociedade de classe e que por sua vez faz parte de um sistema capitalista. Não podemos portanto falar de uma Psicologia, mas nas "psicologias" dependendo de todas essas circunstâncias em que vive o ser humano.

Sabemos que a classe oprimida vive em permanente confronto com a questão de sobrevivência e que existem diferenças fundamentais na formação das estruturas psíquicas das diversas classes sociais. Enquanto a estrutura das classes dirigentes se enraiza nas condições de desenvolvimento de seus potenciais evolutivos, na outra classe são os fatores ligados ao nível da sobrevivência que determinam sua estrutura psíquica.

A formação do caráter oprimido, a ideologia da resignação da submissão e a perda da identidade são aspectos que deveriam preocupar a todos nós como psicólogos. Essa ideologia permeia as relações familiares e é reconhecida no fatalismo, na religiosidade popular tão característicos do nosso povo.

Diante dessas considerações poderíamos agora nos perguntar em que poderia consistir o trabalho de um psicólogo voltado para as classes desfavorecidas.

1) A questão central é uma redefinição do objetivo da Psicologia: O homem deverá ser visto como um ser histórico, vivendo em determinadas condições sociais e econômicas e sendo até certo ponto por elas determinado.

2) Se todas as categorias atualmente estão pensando um projeto para uma sociedade nova, nós não podemos ficar marginalizados quando temos condições de oferecer subsídios teóricos e experimentais nesse sentido... Poderíamos estudar criticamente os teóricos que preocuparam com esse assunto como Skinner,⁽¹⁾ Huxley⁽²⁾ e Thomas Morus⁽³⁾ e confrontá-los com os pressupostos marxistas existentes sobre a criação de uma sociedade diferente.

(1) SKINNER, B. F. *Waldeu Two. Uma sociedade do Futuro* São Paulo — EPU 1973.

(2) HUXLEY — Aldous, *Admirável Mundo Novo*, Pinel, Rio de Janeiro, 1966.

(3) MORUS, Thomas *Utopia*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s/data.

3) Precisamos fazer o resgate de nossa cultura que é extremamente rica. Estudamos e vivemos voltados mais para as questões urbanas do que para as questões rurais, quando sabemos que o processo de migração do nosso homem do campo tem sérias implicações psicológicas.

Poderíamos nos perguntar, por exemplo, porque entre nós as cartomantes, videntes, mães de Santos são tão valorizadas? São pessoas que possuem um poder especial porque de alguma maneira ou aconselham as pessoas ou apresentam perspectivas para suas vidas. O trabalho desses líderes de comunidade precisam ser motivo de estudo porque eles constituem um desafio para nós na medida em que põe em questão conceitos psicológicos como inconsciente, inconsciente coletivo, etc.

4) A situação da Pesquisa.

Agora vou fazer algumas reflexões sobre nosso CURRÍCULO. Sendo a pesquisa um instrumento por excelência de conhecimento de nossa realidade precisamos saber que tipo de pesquisa estamos fazendo. Durante muito tempo predominou entre nós a pesquisa experimental que tem seu valor, mas no nosso caso, acho que o momento que estamos vivendo exige um maior conhecimento sobre a pesquisa social.

Em ciências sociais, no Serviço Social, a discussão sobre este tipo de pesquisa já está bastante avançado, acho que poderíamos participar deste debate. Existem diversas alternativas metodológicas que norteiam atualmente as pesquisas nas mais diversas áreas. A polêmica fundamental está centrada sobre o problema da neutralidade científica, a existência de uma pesquisa mais clássica e a "pesquisa ação", que consiste numa certa maneira, numa intervenção na realidade.

Acho que os dois extremos precisam ser examinados para encontrarmos um equilíbrio na nossa maneira de pesquisar. Talvez um confronto entre as idéias de Pedro Demo, (4) "Thiollent" (5) e Carlos Brandão (6) nos ajudem a encontrar o tipo de pesquisa e orientação metodológica mais útil na investigação de nossa realidade.

5) Quais outras modificações poderiam ser feitas no sentido de transformação da nossa realidade? Algumas sugestões para as diferentes áreas: escolar, clínica e comunitária.

ESCOLAR

5.1. Considerando que até hoje só crianças nascidas em outros contextos têm sido objeto de nossas preocupações, fruto do imperialismo cultural em que vivemos, é tarefa nossa a construção da Psicologia do Menor carente.

(4) DEMO, Pedro — Metodologia Científica em Ciências Sociais, São Paulo, Editora Atlas S. A. 1981.

(5) THIOLENT, Michel — *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo, Polis, 1981.

(6) BRANDÃO, Carlos Repensando *A Pesquisa Participante*, São Paulo, Brasiliense, 1984.

Como essa criança pensa, percebe o mundo (já existem trabalhos da teoria Piagetiana aplicadas às crianças da classe trabalhadora e em que consiste sua atividade lúdica. As crianças das frentes de trabalho brincaram no período mais dramático da seca com ossos de animais mortos. O que sentem estas crianças, quais suas emoções básicas: medo ou raiva? Porque os adultos tem tanto pavor dos "pivetes" que assaltam e roubam para comer ou para levar uma contribuição para sua casa, onde seu pai não trabalha, é um alcólotra e sua mãe também vive de esmolas? O fato de lutarem por sua sobrevivência e participarem da produção com apenas quatro e cinco anos limpando carros e vendendo limões, não terá repercussão na estruturação de sua personalidade?

Acho que esta é tarefa nossa e já existe literatura sobre o assunto. Aqui incluo também trabalho com as crianças das creches.

5.2. A nível de um trabalho mais clínico e terapeutico considero que a adaptação dos trabalhos de Mofatt (7) e Basaglia (8) nos ajudam bastante a ver de uma forma diferente os conceitos de normalidade, anormalidade, loucura, noção de cura, enfim, a própria psicopatologia.

5.3. Trabalho comunitário — Existe um trabalho no Bairro Nossa Senhora das Graças no Pirambu, que constitui-se numa tentativa de organização da comunidade, mas o autor (9) poderá fazer sua exposição normalmente, porque o debate com ele ficará mais rico.

6. A *Revista de Psicologia* por nós organizada é uma tentativa de aprofundar o debate teórico prático entre os psicólogos nordestinos.



Composto e Impresso
na Imprensa Universitária
da Universidade Federal do Ceará
Av. da Universidade, 2932. Caixa Postal, 2.000
Fortaleza-Ceará-Brasil

(7) MOFFATT, Alfredo *Psicoterapia del Oprimido*. Argentina, Editorial Hiberia ECR, 1974.

(8) BASAGLIA, Franco e Franca *la Mayoría Marginada*. Barcelona, Editorial haia, 1977.

(9) CÉSAR Wagner, *por uma Psicologia Popular*, Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.